



BATALHA D'HASTINGS.
(11 d'Outubro de 1066).

Por morte de Eduardo, o Casto, rei d'Inglaterra, disputavam a posse da sua herança dois competidores: Guilherme, o Bastardo, duque de Normandia, e Harold, filho de um vaqueiro saxonio, que por eminentes serviços á republica viera a ser uma das pessoas mais notaveis do reino. Guilherme fundava a sua pertença no parentesco com Eduardo, e n'um codicillo de herança, que dizia ter recebido, sem mais provas que a sua declaração, um juramento de fidelidade extorquido a Harold, e uma bulla pontificia, que lhe adjudicava o sceptro britannico, mediante a solemne promessa de pagar o feudo á sé apostolica. Harold, pela sua parte, appresentava as suas virtudes, talentos, riqueza, immensa popularidade, e a palavra do rei moribundo, que o desi-

gnára successor: claro está que os titulos de Harold deviam prevalecer, sobre tudo n'um paiz, onde a corôa era electiva; por consequencia foi elle eleito, por unanimidade, rei d'Inglaterra, e aclamado com geral satisfação. O normando, frustradas as esperanças, confiou unicamente ao ferro da espada os seus direitos. Convidou a Europa para saquear a Inglaterra, e por espaço de seis mezes accudiram á Normandia todos os homens ávidos de gloria marcial ou de despojos de vencidos. O pontifice ao mesmo tempo promulgou uma cruzada contra o excommungado Harold, de fôrma que o zêlo religioso chamou ás bandeiras de Guilherme, o Bastardo, aquelles que não tinham sido levados por humanas considerações. Formidavel exercito se aprestou, e uma armada de

1:500 embarcações de vario lote transportou, atravessando o canal, a multidão de aventureiros, que parecia animada pelo antigo espirito da sua ascendencia do norte da Europa.

Rumores vagos sobre tão temeroso armamento, a intervenção do cabeça da igreja, a apparição d'um cometa e outros sinistros presagios, então muito cridos, difundiam pela Inglaterra supersticiosos terrores: mas Harold, possuido do vigor que a juventude inspira, cheio de intelligencia, preocupado d'esperanças, lutava contra tão pernicioso influencia com seu exemplo e discursos, e reanimava em todos o valor com preparativos de defeza, proporcionados ao geral receio. Havia mezes que á frente do seu exercito acampava, nas costas maritimas meridionaes, esperando os normandos, quando lhe veio a noticia de que os noruegos desembarcavam em Northumbria. Harold, facil na concepção, rapido na execução, correu ao norte a expellir os inesperados aggressores; mas ao passo que tinha ganho completa victoria junto aos muros de Yorek, dando ao rei da Noruega os nove palmos de terra (a sepultura) que antes da batalha lhe affiançara, chegou-lhe o aviso de que a bandeira dos tres leões, a normanda, estava arvorada nas praias d'Inglaterra. Com a mesma impetuosidade com que voára a debellar uns inimigos correu a encontrar os outros, sem dar descanso aos soldados, sem aguardar as levas que do interior do reino acudiam a engrossar-lhe o exercito. Mas esta nimia pressa lhe foi fatal; as tropas que conseguiu ajuntar eram mui diminutas em comparação das invasoras, e a demora de poucos dias lhe teria assegurado a superioridade numerica. O cauteloso Guilherme não era tão arrebatado; mal chegára se tinha fortificado, e não consentia que a sua gente se affastasse do resguardo do acampamento. Foi impossivel tomar d'improvisto, como Harold meditára, a tropa aggressora; pelo que fez alto perante o campo inimigo, levantando trincheiras em quanto não chegavam os reforços dos differentes corpos do seu exercito: porem Guilherme não lhe deu tempo, e apesar de saber o muito que lhe aproveitava acelerar o accommetimento não quiz desprezar os meios da influencia religiosa, e mandou por um arauto intimar ao rei saxonio que cumprisse seu juramento, prestado sobre sagradas reliquias, e chamar ao mesmo tempo em altos brados a ira do céu, em nome do papa, sobre a cabeça do prejuuro e seus adherentes. A excommunhão intimidava a consciencia dos capitães inglezes; mas lembrando um delles que os normandos já tinham feito anticipada partilha dos bens de todos, e só lhes faltava tomar a posse, para que se dispunham, avivou-se a coragem abatida, e juraram pelejar até morrer: todavia, cedendo ainda a supersticiosas inquietações, trabalharam com o seu rei para que não entrasse em batalha: Harold não cedeu, e nem rogativas nem conselhos o demoveram de combater em pessoa ao lado de seus irmãos d'armas.

A 14 d'Outubro, ao romper d'alva, Guilherme, depois que a sua gente ouviu missa e recebeu a absolvição do bispo de Bayeux, que commandava a cavalleria, guiou o ataque contra o campo dos saxonios: levava n'um relicario pendente do pescoco os ossos sagrados sobre os quaes Harold lhe jurára preito, e adiante delle um alferes desenrolava o pendão bento, que era dadiva do successor de S. Pedro: os normandos arremetiam cantando o rimance de Roldão e repetindo o grito d'accommetimento, usado nas cruzadas em Palestina: os saxonios, cubertos com suas paliçadas, os esperavam. Tres vezes carregaram no ataque os filhos do continente, tres vezes

lhe sustiveram o impeto os moradores da antiga Albion, que a terriveis golpes d'achas d'armas despedaçavam lanças e adargas, fendiam armaduras, e obrigavam os contrarios á retirada. Então o astuto Guilherme para chamar os inglezes á campina raza ordenou a um grande troço de cavalleria que accommettesse e logo fugisse com a mais apparente desordem: vingou o estratagemas; os soldados d'Harold levados dos brios marciaes, e contando com a victoria, sahiram fóra de suas trincheiras; então os normandos voltaram rapidamente sobre elles fiados na superioridade das armas, entraram todos d'envolta nos reductos, e o valor desesperado dos defensores já de pouco valia. Harold e seus irmãos morreram ao pé das bandeiras, e os seus adherentes e vassallos não combatiam a final para vencer, mas para acabar gloriosamente.

Foram taes as consequencias desta porfiosa batalha, dada em Hastings, que só ella metteu os normandos de posse da Inglaterra: as resistencias que depois encontraram foram parciaes e em dispersos logares, sem o ponto de união de um caudilho, e por tanto sem força. Todavia, apesar das circumstancias odiosas da conquista, foi esta peleja campal um notavel acontecimento no progresso da civilisação geral europea; porque os normandos eram muito mais illustrados a esse tempo que os saxonios submettidos: ainda appareceram signaes de ferocidade no saque immediato ao vencimento, ainda nos costumes havia resaiço de barbaria, mas com a paz e a fruição do paiz conquistado os dominadores, dissipados os aventureiros, adoptaram usos e praticas de povo policiado.

O MONGE DE CISTER.

Romance historico.

(Fragmento.)

1388 — 1389.

Hora deves de saber que aquel boom alção de Bravor, comprido dardimento e de boomdades, segundo sua natureza, era assi acostumado, que . . . nem porco nem husso, nem outra animalia com que se encontrasse, nom avia de travar em ella, a menos de lho mandarem fazer.

FERNÃO LOPES. *Chr. de D. Fern. cap. 99.*

Capitulo III.

VINTE dias e outras tantas noites, (proseguiu Fr. Vasco) com uma cota de malha vestida por baixo do pellote e da capa, e com o meu punhal na cinta, vagueei horas inteiras em redor da pousada de Lopo Mendes. Muitas vezes o vi sahir e descer para a banda de Val-verde, ao longo da muralha do norte. Então seguia-o de longe: via-o sumir-se nas ruas tortuosas e escuras do coração da cidade; subia eu outra vez a encosta, e vinha curtir tardanças da hora de sangue nas cercanias das casas de Alvaro Pires. Finalmente essa hora suspirada bateu:

Era pela manhã cedo de um dia de fevereiro. O tempo ia sereno, posto que frio. Aquella noite bem como as outras mal passára pelo somno, e ainda este travado de sonhos horrendos. Apenas rompeu a alva, montei a cavallo, e seguido do meu pagem encaminhei-me para o fadario quotidiano. Atravesei a cidade, sahi pela porta de Santa Catherina, e corri com o muro ao longo da barbican. Quando cheguei defronte da porta do condestavel vi cousa que me fez parar.

Montado em um corredor ruço-pombo, e vestido de monte, Lopo Mendes sahia para o arrabalde. Acompanhava-o um pagem, e o falcoeiro, com um galgo e um alão atrellados, e um nebrim em punho.

Cortejou-me ao perpassar. Com um movimento convulso apertei o conto do meu punhal: — e saudei-o também. Partiu. Segui-o de longe: por montes e ladeiras, por logares selvosos e chãos razos, nunca o perdi de vista. Elle perseguia as aves e alimárias innocentes: eu perseguia-o a elle. Qual de nós seria mais feliz? Nem eu o sabia, nem elle.

Por bicadas de montes e por barrocaes, por entre os silvados e azinhaes entremeados de vinhas, que se penduram pelas encostas até as margens do Alcantara, nunca me alonguei d'elle. Tinha deixado o meu cavallo ao pagem; também elle deixára o corredor ao seu. Só com o falcoeiro, metia-se por brenhas, e sahia ás clareiras. Eu como o seu anjo máu, ia muitas vezes bem perto d'elle, cosido com os comoros e serras, ou sumido pelos algares das torrentes, ou pelos córregos das quebradas. Chegou a uma ponte de madeira, e atravessou o rio para a banda do occidente. A serra fronteira, calva aqui e acolá, é pela maior parte enredada de urzes e tojos, por entre os quaes apenas se encontram estreitas trilhas de pastores. É talvez este o unico sitio dos arredores, a que se possa chamar um ermo.

Deixei-o embrenhar, e transpuz o rio apoz elle. Por alguns momentos julguei que o tinha perdido, mas divisei-o por fim sobre um penedo a meia serra: acerquei-me o mais perto que era possível. Escutei: batia-me o coração com força. Ouvi-o gritar: *Bravor, ao fogo!* — era ao galgo que fallava: vi partir este destrellado, por entre penedias: uma lebre corria adiante; o cão a ia alcançar. De repente um e outro animal desapareceram, como se a terra os houvera engulido.

Lembrei-me então de me haverem contado que por toda esta serra se encontram caminhos sotterraneos, cuja origem se ignora. Uns os suppõem obra da natureza, outros dos homens. Tinham-me dito que os caçadores usados a frequentar estes sitios, conheciam as entradas e saídas desses corredores tortuosos e escuros, e que muitas vezes se aproveitavam disto para lançarem os lebreus por um cabo, e dividirem-se para lhes tomar as saídas. Começára a desanimar; mas esta lembrança me avigorou a esperança.

Não me enganei. Ouvi Lopo Mendes fallar com o falcoeiro, e vi partir este, levando o seu nebri em punho, e o seu alão atrellado. O cavalleiro seguiu a pista do galgo, e, como elle, desapareceu entre o fraguado.

Ajoelhei. Dava graças. Se a Christo, se a Satanaz não o saberei eu dizer.

Erguendo-me, parecia-me que o coração se me dilatava. Tinha as mãos, o rosto, os joelhos feridos e ensanguentados; mas já não era preciso arrastar-me por mais tempo, como a vibora, por vallados, balsas e çarças. O tigre arrojava-se acima da prea, com a fronte erguida, com o bramido do contentamento, e diante da luz do sol.

Este havia começado a sua declinação diaria, quando cheguei á entrada da covoada, cuja boca, escondida entre a penedia, só divisei ao dar de rosto com ella. Voltada ao occidente, a claridade da tarde, já bastante amortecida, batendo nas paredes irregulares da primeira gruta, penetrava indecisa até meia área da caverna immediata, aavez de um arco de pedras, amarelladas e brutescas como o resto do covão. No meio daquelle arco, um vulto de homem, com o rosto virado para a caverna interior, curvado um pouco para diante, e apoiando as mãos sobre os joelhos, parecia tentar o ver alguma cousa aavez das sombras que tinha diante de si. Escusado é dizer-vos cujo era esse vulto.

Com os braços cruzados, contemplei-o immovel da

entrada do covão: estava tão embebido em esperar o seu lebreu, que não deu tino de mim.

Entrei: o chão da caverna era barrento e humido: ajudado por essa circumstancia, atravessei-a com passos lentos e subtis, por tal modo que estava junto de Lopo Mendes, e elle não me sentia.

Afferrei-o por um hombro, sem dizer palavra. Elle voltou meio corpo — não podia mais — dando um estremeção.

«Que me quereis? Quem sois?» perguntou elle perturbado.

«Um vilão que vem dizer-te o seu nome, para o mandares açoutar como um mouro fugidiço.»

«Entendo, senhor cavalleiro; mas escolhestes mau logar e hora para renovar requesta. Em tanto aqui a acceito, se me disserdes vosso nome...»

«O meu nome?» gritei eu. «O meu nome é Vasco da Silva! Conhece-lo? Requesta já t'a fiz. Não a acceitaste. Querias o meu nome para atirar-me a cabeça aos pés do algoz? Tu és vil, Lopo Mendes, vil como tua mulher, que se prostituiu a ti atraindo-me, porque tinhas mais dois avós, mais dois punhados de maravedis. Repto!... É tarde para fallar nisso.»

Dizendo estas palavras levei a mão á cinta e arranquei meio punhal.

«Mas é um assassinio!...»

«Advinhaste!»

Lopo Mendes pertendeu desembaraçar-se. Pobre cortesão! — Os ossos do hombro rangeram-lhe debaixo da minha mão ferida das urzes, e ensanguentada; vergou, e cahiu de joelhos.

«Por vosso pai, por vossa irmã, Vasco da Silva, que não me assassineis!»

«Meu pai,» tornei-lhe eu com uma tranquillidade que devia ser horrivel, «foi morto por um homem tão vil como tu: irmã já não a tenho; converteu-se em uma barregaã tão infame como tua mulher.»

«Por Deus; que não queiraes lançar a minha alma no inferno! Não me mateis sem confissão!»

Não lhe respondi: ergui o punhal, cravei-lh'o duas vezes no peito: cahiu. Ajoelhei ao pé d'elle, curvando-me, e gritando-lhe ao ouvido:

«No inferno nos encontraremos!»

Quando sahi da caverna o sol ia-se pondo; quando passei o Alcantara tocava o sino da oração. Chegando ao logar onde deixára o pagem com o ginete, cavalguei sem dizer palavra; atravessei os campos, e as ruas da cidade já desertas, e tanto que entrei na pousada, sem tomar nenhum alimento, sem saber o que fazia, encerrei-me na minha camara.

Que noite, padre, — que noite! — Estes cabellos não estavam brancos no outro dia; mas a alma tinha-me envelhecido vinte annos. Acordado, — com os olhos abertos, via Lopo Mendes, ensanguentado, entre chammas, em pé diante de mim; os seus olhos eram dois carvões accesos, que lhe revolviam á flor do rosto: cerrava os meus; via-o aavez das palpebras, immovel, silencioso! — O suor corria-me da fronte em bagas. — A oração fôra o meu unico refugio naquella affrontosa agonia; mas não havia uma só palavra de oração de que o espirito se recordasse, ou que os labios podessem repetir. O resar é para os innocentes; eu tinha escripto o meu nome com sangue no livro maldito dos grandes criminosos.

No outro dia, com a luz, com o tumulto da vida, os meus terrores asserenaram. Recobrei o sentimento da vingança; mas já não era tão inteiro e violento, porque com elle se misturavam remorsos. O pagem que comigo trouxera, mandei o voltar para Aljubarrota, tomando por pretexto algumas ordens, que tinha de communicar ao mordomo do so-

lar. A morte de Lopo Mendes devia divulgar-se, e eu temia que as desconfianças estouvadas do pagem me atraíssem. Não arreceava o castigo; mas considerava-me como ligado á missão de sangue que meu pai me incumbira na hora da morte. Desempenhada esta nada me importava morrer, e pouco mais que o logar da agonia fosse uma cama de frouxel e telas alvas, ou o cepoduro e cuberto de lucto do cadafalso.

Era pelo fim da tarde quando sahi da pousada. Encaminhei-me para o sitio da morada de Lopo Mendes: queria saber o que se passára, e a ninguem podia encarregar disso sem alevantar suspeitas. Quando ali cheguei, já o crepusculo da noite mal deixava enxergar os objectos. Pelas frestas das casas contiguas ás de Alvaro Pires bruxeleava o clarão das candeias e tochas, mas nestas tudo estava fechado e escuro como um sepulchro. Pelo profundo portal do edificio entravam e sahiam vultos negros, e silenciosos. Cheguei mais perto, e então percebi distinctamente os chóros e prantos das carpideiras, misturados com os psalmos, e as orações pelos finados. Transpirando atravez das vidraças e portas cerradas, estes sons frouxos e discordes vinham batter-me nos ouvidos, e em vez de me causarem prazer, como eu imaginára nos meus sonhos de vingança, esmagavam-me o coração, e faziam-me eriçar os cabellos.

Estava claro que o cadaver de Lopo Mendes tinha sido encontrado; mas importava-me saber o como, e se havia algumas suspeitas ácerca do matador. Dirigi-me a um daquelles vultos que incessantemente entravam e sahiam, e perguntei-lhe o motivo dos prantos que ouvia.

Sube então que o falcoeiro voltára em busca de seu senhor, e que encontrando-o assassinado, corrêra á cidade como louco, a dar conta daquelle successo; que a justiça, guiada por elle, fizera conduzir o cadaver para ser sepultado, o que nessa noite se hia fazer; que a princípio algumas suspeitas tinham recahido sobre o falcoeiro; mas que estas se haviam desvanecido attendendo a que era um antigo e leal servo, e a que se tivesse sido o assassino não seria elle que por si proprio se viesse offerecer ao castigo; que, todavia, tinha sido posto a ferros até se averiguar quem havia commettido aquelle homicidio, o que ainda era um mysterio.

Ainda bem não tinha acabado de ouvir esta narração, quando a luz viva de muitas tochas allumiou subitamente as escadarias, e pateo da casa, e os prantos e hymnos reboaram distinctamente pelas abobadas. Era o sahimento que descia. Encostei-me para o angulo do edificio, e dalli contemplei a minha obra infernal.

Os frades de S. Francisco vinham adiante com os capuzes mettidos na cabeça e tochas acesas nas mãos, resando em voz baixa e soturna; seguia-se a tumba, levada em collos de homens, cuberta de pannos negros. O suor corria-me em fio da fronte, os dentes batiam-me uns contra os outros. Porque estava eu allí? Não o sabia. Oh veneravel Fr. Lourenço, era o meu crime que me tinha de sua mão: era elle que não me deixava tirar os olhos daquella horrivel tumba! Vergava-me o coração debaixo do peso dos remorsos, e todavia lembrava-me de que ainda me faltavam tres victimas!»

Neste ponto da sua narração Fr. Vasco callou-se por alguns momentos, como quem buscava atar o fio partido das ideas, e trabalhava por cobrar novas forças para proseguir. O mestre de theologia tinha os olhos fitos nelle sem pestanejar; e nas suas feições transparecia o horror em que lhe afogava o animo tão medonha e abominavel historia. — A. H.

(Concluir-se-ha).

REGUENGOS E MONSARAZ.

1.º

No TERMO da antiga villa de Monsaraz, e a duas leguas de distancia della para a parte do nascente, no centro de campinas pertencentes á Casa de Bragança, de cuja propriedade [e sem duvida por ser de origem de doação regia] vem ao sitio o nome de *Reguengos*, via-se ha um seculo uma ermida de St.º Antonio. — O agradável do sitio, a fertilidade do terreno, e outras favoraveis circumstancias, convidaram algumas familias a virem levantar seus casaes em redor da que até alli era solitaria ermida. Em poucos annos se formou assim uma pequena aldêa; e ha cousa de uns sessenta que a commodidade do já crescido numero de seus habitantes tornou necessaria e effectiva a erecção d'uma nova freguezia, de que ficou igreja parochial a antiga ermida com a mesma invocação de St.º Antonio. Continuou depois sempre em progresso a povoação; e nestes ultimos trinta annos tem crescido umas boas duas terças partes. Já por duas vezes foi necessario accrescentar a igreja, que ainda assim é extremamente apertada para o concurso de um povo que hoje conta não menos de quatrocentos fogos.

A opportuna occasião, que recentemente tivemos, de passar meia duzia de dias nesta localidade, nos poz ao alcance de observar de perto e colher algumas noticias de seus particulares. — Nem maravilhe a nossos leitores que com só poucos dias de demoraousemos sahir a publico com a noticia da nossa viagem; que por ahí correm impressas em muitas linguas cultas relações de viajantes, a quem melhor assentava o nome de postilhões, que por correrem de galope qualquer paiz, se julgam sufficientes para dissertar *ex cathedra* de sua historia, instituições, usos e costumes. E ao ver a affouteza com que os taes fallam de todas estas e outras infindas cousas, que só mui de espaço se poderam competentemente observar, julgará o leitor desprevenido que consumiram neste estudo a mór parte de sua vida. Lembra-nos muitas vezes um certo *monsieur* francez, que encerrado n'umas aguas-furtadas de Lisboa, com terror da policia do Manique, julgou poder dalli observar todo o Portugal. Entre varias raridades originaes, que só elle viu pelo seu telescopio, descobriu que os estudantes da universidade de Coimbra passavam uma vida estragada, não podiam ser mais do que uns ignorantões; e que sua ordinaria occupação era a de fazerem palitos!! (*Tableau de Lisbonne en 1796* pag. 241). — Não usaremos nós de telescopios de tão portentoso augmento. Diremos só o que vimos por nossos proprios olhos, ou nos foi communicado por pessoas que reputamos bem informadas. Singelamente confessámos que nos terão escapado muitas noticias dignas de mencionar-se; que nas que apontamos poderá haver inexactidões; e que receberemos gostosos correcção de quem estiver melhor informado ou tenha visto com olhos mais perspicazes.

Seis leguas dista da cidade de Evora para S. S. E. a que ha pouco era aldêa e hoje é *Villa Nova dos Reguengos*. O caminho é pela maior parte de campina raza, que em meado de Novembro estava agradávelmente variada, já com a verdura das searas nascentes, já com o tráfego do trabalho do lavrador. — Atravessando a freguezia de S. Mangos, ainda do termo d'Evora, fica á direita do caminhante, á borda da estrada, um como nicho que em azulejo representa o mesmo Santo. Traja elle vestes episcopaes, que tradição ha de ter sido o primeiro bispo d'Evora. Piamente se crê que fôra um dos discipulos do

Salvador; que viera ás Hespanhas, ainda antes do grande Apostolo S. Thiago, prégar a lei do Evangelho: e que ás mãos de impios gentios ou judeus [que nisto não concordam os AA.] soffrêra cruel martyrio. — Sobre o nicho vimos algumas pilhas de telhas soltas, e fomos informados que são offerta dos devotos, que por intervenção do santo bispo logram feliz exito em suas pertençaes. — Notavel é por certo o donativo d'uma telha velha! e ainda por mais notavel será tido quando se souber que só é valioso se for a telha furtada. Na lenda do Santo por mais que buscámos fundamento para uma tal pratica não nos foi possível descubri-lo.

Chegados a Reguengos vemos uma povoação, quasi toda de casas baixas, em ruas sem alinhamento, mas com povo numeroso em relação ao terreno que occupa, e assiduamente applicado a suas officinas. Fabricam-se aqui tecidos de laã. A saragoça grosseira, a estamenha, as mantas, os cubertores, os chapéus grossos são producto da industria dos moradores de Reguengos, assim como são tambem a origem de sua prosperidade e continuado augmento. A não serem os embargos que os moradores acham em alcançar terreno para a edificação de novas habitações, embargos provenientes da propriedade *reguenga*, estaria hoje a povoação de dobrada ou triplicada grandeza como á uma dizem as pessoas intelligentes da localidade, e como facilmente o poderão entender as estranhas.

A proporção que foi crescendo a aldêa dos Reguengos foi progressivamente definhando a villa de Monsaraz, cabeça do concelho, que como situada n'uma eminencia quasi inacessivel, posto que propria para praça d'armas na fronteira, carece com tudo das commodidades e vantagens que os habitantes acham no centro das planicies.

Dahi veio esse rancor e odio implacavel, tão natural e commum entre a colonia, que segura de suas forças tende á emancipação e independencia, e a metropole, que posto que prostrada e abatida, não pôde levar a preço perder sua influencia e mais regalias de senhora.

O novo regimen administrativo, que começou a vigorar em 1834, parece que manifestou plenamente a insufficiencia de Monsaraz para cabeça de concelho. Por carta de lei de 18 d'Abril de 1838 foi esta transferida para a aldêa de Reguengos, a qual depois foi elevada á cathogoria de villa por carta de 29 de Fevereiro de 1840.

Tudo isto, junto ás antigas causas de rivalidade, tem accendido mais e mais as animosidades entre os dois povos. Monsaraz, que já não pôde segurar a Reguengos debaixo de seu dominio, tenta agora formar um novo concelho separado; *et adhuc sub iudice lis est*.

Pelo que levâmos dito terá o leitor conhecido que a nova villa dos Reguengos não chama a attenção do estranho nem pelos monumentos de veneranda antiguidade, nem por outras fundações de primoroso artificio. Uma terra moderna segue o impulso das idéas modernas. Por isso já tem o seu theatro, construido desde os alicerces ha pouco mais d'um anno por uma sociedade que se dá ao recreio das representações dramaticas. Assistimos a uma destas, que nada menos era do que a tragedia *Bruto*. De todas as peças de Voltaire foi esta a que teve menos acceitação em França; ao mesmo tempo que entre as nações estranhas é a que mais tem sido traduzida e conta maior numero de apaixonados. — Não fomos nós assistir á representação para nos arvorarmos em crítico dos actores; mas não podêmos callar que o mancebo que fez o papel de Tito se distinguiu, principalmente pe-

lo quanto estava possuido do seu papel e pela harmoniosa declamação dos versos. O vestuario militar com que algumas figuras appareceram pareceu-nos bem aparelhado, posto que mais proprio da idade media do que dos tempos romanos. A sociedade promette melhorar o material do theatro, cujo arranjo interno está ainda muito em seu princípio.

Em breve haverá tambem nos Reguengos uma casa de bilhar, cuja construcção já vai adiantada.

D'entre os habitantes da terra alguns achámos especialmente notaveis e dignos de singular menção. — Singular é por certo n'um homem simples o instincto, ou para melhor dizer, a mania da conservacção dos *monumentos*, como aqui se encontra n'um individuo dos seus cincoenta e tantos annos, que fez todas as campanhas da guerra peninsular como soldado e cabo d'esquadra do regimento n.º 3 de infantaria. Folga muito, como é natural, de recontar os successos de suas campanhas; e como testemunhas delles guarda a bom recado, e tem no mais subido valor alguns objectos miudos de seu antigo uniforme e equipamento militar. Entre elles appresenta uma peça, por certo hoje unica no seu genero. É um par de sollas, que no acampamento defronte de Bayonna lhe foram distribuidas em 1814. Conserva-as intactas, e destina deixa-las como precioso legado a seus filhos com os outros trastes do uniforme. — Admirámos n'um homem destes um tal instincto conservador de *monumentos*, e o apreço em que os tem; o que aliás não estranháramos em algum daquelles maniacos por collecções de raridades e curiosidades, de que pelas nações, que se prezam de mais cultas, ha hoje tanta abastança. — Em França vai em tal progresso esta mania, que ás vezes chega a ridiculos excessos. Não sómente são procuradas com ancia certas bagatellas, que tiram seu unico merecimento de haverem por qualquer modo pertencido a alguma pessoa distincta pelo lustre de suas virtudes, sciencia, acções, ou jerarchia social; são até pagos por alto preço trastes de criminosos e assassinos, só porque foram mais crueis e sanguisedentos nos seus crimes. — Ah! vai um facto, ha pouco acontecido em Bordéus, na França, e publicado no jornal *l'Audience*, que é como o jornal official dos tribunaes: —

“Um alfaiate de Bordéus vendeu um capote a um fulano Elizabide. Este, que devia de ser pouco endinheirado, deu de volta ao alfaiate umas calças e um colete, trastes que o bom do alfaiate passou depois a um lavrador. Neste meio tempo o nome de Elizabide fez-se celebre e conhecido em todos aquelles arredores. Os titulos deste sujeito a tão gloriosa nomeada foram o ter com a mais inaudita fereza, em Março ultimo, esmagado com um martello a cabeça de um menino de onze annos, filho de uma viuva a quem pertendia para casar; e pouco tempo depois dar o mesmo genero de morte á dita viuva e a outra sua filha de nove annos: tudo isto sem motivo conhecido. Em recompensa destas gentilezas foi sentenciado a pena ultima pelo tribunal de Bordéus. — Ora o lavrador, que comprou os trastes já fallados, indo a vestir o colete, reparou que no forro tinha escripto o nome do tal Elizabide, e assustado foi-se ter com o *mair*, que lhe disse seria deshonra sua usar de similhante traste. — O pobre do lavrador correu a Bordéus, e chegando á porta do alfaiate com o colete na mão começou a dizer-lhe mil improperios por ter querido infama-lo vendendo-lhe um traste d'um assassino. — Aos gritos do lavrador se foi juntando a gente que passava, e um taful perguntou = quanto vos custou esse colete? = seis francos, respondeu o lavrador. = Pois eu dou-vos dez francos por elle. = E eu dou vinte, gritou d'acolá

outro, e á força lh'o arrancou das mãos. — Pois eu dou sessenta francos, disse o director d'um gabinete d'antiguidades. — Para encurtar-mos rasões: assim foi o colete passando de mãos em mãos, das d'um inglez ás d'uma dama, até por ultimo parar em poder d'um mercador de objectos da moda, que o pagou por quatrocentos francos, com tenção de o pendurar á porta da sua loja com letreiro que diga = Loja do colete de Elizabide." =

Entre nós os portuguezes, como atrazados um seculo da civilisação franceza, ainda não chegou a tanto apuro o gosto archeologico e monumentario.

J. H. da C. R.
(Concluir-se-ha).

JAMES WATT.

O uso das machinas de vapor é hoje tão commum, tão geral, e sobre tudo tão util, que não será inutil tarefa, antes será pagamento de uma divida de reconhecimento, o dizer alguma cousa sobre o homem que mais tem concorrido para o aperfeiçoamento das sobreditas machinas. James Watt nasceu em Greenoch, na Escocia, no anno de 1736: sua familia se dedicava ao commercio, e longo tempo havia que os conhecimentos mathematicos eram nella como hereditarios: seu pai, negociante distincto de Greenoch, abi exerceu por muitos annos um cargo de magistrado: James Watt, filho deste, dotado de uma constituição physica muito delicada, não pôde frequentar as escholas publicas da sua patria: na idade de 18 annos veio a Londres com o intento de fabricar instrumentos de mathematica, e no espaço de um anno fez progressos rapidos em diferentes ramos de mechanicã; voltando á Escocia no anno de 1757 foi nomeado fabricador dos instrumentos de mathematica da universidade de Glasgow: foi no tempo da sua estada em Glasgow, no anno de 1763, que Watt foi encarregado pelo professor de philosophia natural de concertar o modelo da machina de Newiomen: Watt encontrou grande difficuldade em fornecer o calor á dita machina, e então inventou o condensador separado, e, depois de uma serie de experiencias muito curiosas, chegou a conhecer e a fixar com exactidão a quantidade de calorico consumido durante a evaporação. — Seria ultrapassar os limites desta noticia o explicarmos os meios que Watt empregou para aperfeiçoar as machinas de vapor, e para variar a fórma e os materiaes d'um mecanismo tão complicado, bastará dizermos que se não pôde apontar um unico melhoramento que seja devido ao acaso: todas as mudanças que elle fez á machina de vapor são o resultado da sua habilidade como artista, e dos seus profundos conhecimentos em chimica e em mechanicã. No anno de 1765 Watt associou-se com o famoso Dr. Roebuck para lançar os alicerces de uma manufactura de machinas de vapor; porem não pôde conseguir o seu fim, não só pela penuria de meios do doutor, mas tambem porque o seu officio de engenheiro civil lhe tomava o tempo. No anno de 1767 fez o plano de um canal de junção entre os dois golfos, de Forth e Clyde, e pouco depois dirigiu os trabalhos do canal de Monkland á cidade de Glasgow. — É elle tambem o auctor do projecto de canal entre Perth e Forfar, e do relatorio sobre o canal de junção dos dois mares pelo isthmo de Crinan. Seria-mos muito longos se quizessemos enumerar os immensos projectos de Watt já para construir pontes, já para abrir canaes, já para profundar leitões de rios: o seu ultimo plano foi o de unir Inverness e o forte William por meio do

canal, que Mr. Telford depois empreheheu e felizmente concluiu, e a que deu o nome de canal Caledonio. — Depois deste seu derradeiro plano, Watt accitou o convite que lhe fez Mr. Boulton de Manchester, e veio fixar-se em Inglaterra. — É no anno de 1775 que elle alcançou a prolongação do tempo do seu privilegio exclusivo de fazer e aperfeiçoar machinas de vapor, e é neste mesmo anno que começou a fabrica-las. A grande economia que resultava deste forte motor fez que sem demora fosse usado nas minas do condado de Cornouailles e no resto da Inglaterra. Nos annos de 1781, 1782, 1784 e 1785 Watt aperfeiçoou os moinhos: os melhoramentos que elle fez em todas as machinas de vapor deram á população dos tres reinos um impulso inaudito. Constantemente applicado, e estudioso das sciencias naturaes, elle não perdia de vista o progresso da chimica nos diferentes paizes da Europa: no anno de 1786 introduziu na Inglaterra o novo modo de lavagem por meio do acido muriatico [acido hydro-chlorico segundo a actual nomenclatura], descuberta feita em Paris por Mr. Bertholet. Todos sabem quanto aproveitaram com isto as fabricas. — No anno de 1800 Watt retirou-se da vida publica, mas sem cessar de trabalhar nas sciencias, na litteratura e nas artes: — os seus conselhos e o seu parecer estavam sempre promptos para quem os pedia nas materias da sua competencia: em fim trabalhando constantemente chegou á idade de 84 annos, graças ao seu regimen e á sua temperança; morreu no anno de 1819, a 25 d'Agosto, depois de uma curta doença, conservando sempre até ao fim as suas faculdades mentaes. Foi membro da sociedade real d'Edimburgo e da de Londres. — A universidade de Glasgow lhe conferiu o grau de doutor em direito, e o instituto de França o admittiu no numero dos seus 3 socios estrangeiros. — No anno de 1824 uma assemblea publica em Londres resolveu erigir uma estatua a este grande cidadão, e lord Liverpool, que era o presidente, annunciou ahi que o rei subscrevia para ella com 500 lib. esterlinas. Sir Humphry Davy, presidente da sociedade real, appresentou um admiravel resumo dos serviços prestados por James Watt ao mundo inteiro pelas suas descobertas, e Mr. Boulton, filho do primeiro socio de Watt, leu uma noticia muito interessante das utilidades que a Inglaterra tirou dos trabalhos de Watt.

Nós terminaremos este esboço com a citação de uma passagem de Jeffrey a semelhante proposito: — «Quem examina as grandes novidades que Watt introduziu na construcção das machinas de vapor, e na applicação deste ás artes, considera-o como o inventor verdadeiro delle: foi elle com effeito o que regulou os movimentos do vapor e o fez applicavel ás fabricas as mais delicadas; foi elle o que deu ao vapor a força e a solidez necessarias para triumphar das resistencias as mais energicas; foi elle o que reunindo o vigor e a flexibilidade, communicou a este agente novo a flexibilidade e a força a mais energica de que ha noticia nas artes mechanicas; a tromba de um elephante, que é capaz de pegar em um alfinete e de despedaçar um pinheiro, não se lhe pôde comparar. Uma machina de vapor achata um metal, fia-o, sem o quebrar, em delgados fios, levanta uma nau de linha e uma chalupa, borda cambraia e forja ancoras, corta o aço em pequenas fitas, e faz andar os navios apezar das correntes e das tempestades. — Esta descuberta deu ás fracas mãos do homem um poder illimitado, e á intelligencia humana um triumpho permanente sobre a materia. — A especie humana é devedora disto a um só homem, este homem foi James Watt! O inventor do arado,

que foi divinizado pelos seus barbaros contemporaneos, merecia menos uma semelhante honra que Watt. — (*Glasgow Mechanic's Magazine.*)

X. de A.

CIDADE DE VIZEU.

2.º

ESTA cidade teve por armas, em tempos remotos, d'uma parte um castello banhado nos alicerces por um rio, e que nas ameias tinha a figura d'um homem em trajos de pobre tocando uma bozina, e da outra parte um pinheiro manso. Fabulosa é, como quasi todas as lendas da idade media, a supposta origem deste brazão: todavia a contaremos, porque nas mãos de algum poeta se poderá converter em agradável romance. Referem que D. Ramiro 2.º roubára a formosa Zahara, irmã de Alboazar, rei ou governador do castello de Gaia sobre o Douro: ha porem suas variantes nas circumstancias desta tradição. Dizem uns que D. Ramiro (*) morava em Vizeu quando foi chamado a Çamora a tomar posse da corôa, que nelle renunciára seu irmão D. Affonso 4.º mettendo-se monge no mosteiro de Sahagum, e que por esta occasião ao voltar da jornada cometêra o rapto da irmã, ou, como alguns lhe chamam, filha do arabe senhor do castello, repudiando depois sua legitima mulher, D. Urraca. Outros escriptores narram que D. Ramiro tendo ido de romaria ao sepulchro de S. Tiago em Compostella, no transito se enamorára da formosa moura, e pedindo-a em casamento a Alboazar, este lh'a recusou, pelo que se deliberou a rouba-la, trazendo a para Vizeu onde a fez baptisar, pondo-lhe o nome de *Artida*, que significa *perfeição*. O mouro em desforra da injuria raptou D. Urraca, levando-a para o castello de Gaia. D. Ramiro, querendo vingar-se, não obstante haver sido o provocador, reuniu seus cavalleiros e com elles se foi pelo rio Douro, em uma barca toldada de ramas para disfarce, e largando os companheiros em sitio opportuno conseguiu por ardid introduzir-se vestido de pobre dentro do castello, tendo dado o signal aos seus de que acudissem ouvindo-lhe tocar uma bozina. Fallou com D. Urraca, porem a mulher trahida não duvidou atraigoar o marido infiel, mais infiel que o mouro, e a este o entregou, todavia Alboazar lhe poupou a vida, sujeitando-o á ignominia de tocar aquella bozina por officio até que morresse, isto é, fez d'elle uma especie de corneta ou tambor, que não sabemos porque rasão muita gente sim reputa praças do exercito, mas de nenhuma consideração. O tambor ou o corneta está, como os seus camaradas, sujeito á morte nas batalhas, o seu mister é indispensavel, e tanto que o grande Frederico exigia que os officiaes soubessem dar os toques convenientes, para que, morrendo-lhe o tambor, não falhassem no primeiro repente os signaes necessarios. É porem esta uma daquellas anomalias que apparecem na organização da sociedade humana: tolera-se que uma classe se desmoralise, escolhem-se para a compor individuos, cujo procedimento não é seguro [havendo em tudo isto algumas excepções], e a final recahe a infamia sobre a classe, que ninguem aperfeiçoou, e que muitos contam como uma especie damninha, necessaria na sociedade, assim como os gatos, inimigos domesticos, são sustentados nas casas para darem cabo de outro inimigo mais prejudicial. Parece que em uma perfeita organização d'exercito deve attender-se a que os individuos destinados aos toques dos instrumentos mar-

ciaes tenham a policia e as qualidades do soldado: senão de grau em grau se depreciará a nobre profissão militar, e reccrescerão as injustas arguições que os mal avisados fazem aos membros do exercito, como esquecidos de que de suas familias sahiram e para ellas hão-de voltar, porem mais honrados, tendo defendido o ocio ou os pacificos trabalhos dos seus amigos e parentes. Esta digressão, nascida de tão pequena causa, não é fóra de logar, nem de tempo: ha quem julgue a disciplina militar um certo vilipendio, quem se persuade que é servil a illustre profissão das armas, aquella em que os nossos maiores se avantajaram, já no repellir aggressões estranhas, já na aquisição de conquistas novas: mas este erro fatal pôde trazer consigo nada menos do que a quebra do espirito de nacionalidade, o maldito indifferentismo que nos tem feito males enormes. Donde sahe o exercito? — Da aggregação dos cidadãos. Para onde volta o soldado, a quem as balas respeitaram? — Para onde vem elle coroadado de louros receber os abraços dos seus companheiros nos festejos da juventude? — Para o centro das familias, a repouso e contar suas batalhas, se acaso a sombra benigna da paz cobre o territorio da patria; mas ao primeiro assomo de uma nova campanha, se ainda lhe restam forças, ei-lo vae de novo engrossar as fileiras, reforçadas com o seu valor e experiencia. Outrora era honroso, e não poucas vezes de muita valia, contar um religioso professo em o numero dos membros de uma familia; hoje deverá ser igualmente honroso, senão de tanta valia, contar um militar valente que dedicou a sua vida á salvação commum da republica. Dissidencias fataes, a que dão consistencia animos apoucados, teem influido em algumas pessoas para uma tal ou qual deprecição do exercito; mas nós temos uma grande consideração a fazer sobre a materia; é que da nação portugueza sahe sempre um exercito de portuguezes. Ostentem outras nações suas victorias, que não lhe disputaremos seus louros, quando merecidos, nem tão pouco precisamos de vestir alheias roupas: as nossas victorias conhece-as o mundo; a historia ahí está que as apregoa, e sem que as bocas nacionaes as exaggerem, muitas bocas estranhas as annunciam pelo orgão de seus historiadores.

Tempo é de voltarmos ao D. Ramiro que furtou [salva a verdade] a bonita castellaã. D. Ramiro no seu mister de bozina-mor tocou com quanta força pôde, e o bom do mouro não lhe importava com isso, ou talvez o mandasse tocar por basofia e ostentação de poder sobre o pobre captivo. Os cavalleiros escondidos, que escutaram e reconheceram o som do atreador instrumento, largaram sua guarida e, não se sabe o como, tomaram posse do castello; seguiram-se logo as obras meritorias de matar Alboazar, assassinar a sua gente, e mergulhar no Douro a mesquinha D. Urraca com uma pedra bem pesada ao pescoço; o que tudo eram valentias mui gabadas naquelles tempos. Acabado o feito recolheu-se D. Ramiro á cidade de Vizeu, e porque esta era a sua residencia válida deu-lhe por armas as que acima ficam descriptas, para perpetuar a memoria do successo. Mas donde veio o pinheiro manso? — Talvez que á sombra d'elle descangasse o aventureiro cavalleiro. Eis-aqui as fabulas, forjadas pela imaginação d'enthusiastas, com o que o povo se deleitava. Mas o erudito auctor da nossa memoria sobre Vizeu diz o seguinte. — «Pelo tombo da Camara a pag. 13 viemos no conhecimento de que a municipalidade usára destas armas no seu estandarte, que provavelmente tambem pereceu no incendio, que consumiu a antiga cadeia e casa de Camara em 8 d'Agosto de

(*) Este principe, da serie dos reis das Asturias e de Leão, governou do anno de 931 até o de 950 da nossa era.

1796. Desde esse tempo tem usado das armas reaes de Portugal, talvez porque alguém de bom juizo, duvidando da origem fabulosa das primeiras, lhes fez mudar de tenção. Não encontro memorias de que tal brasão tenha existido, esculpido em pedra n'alguns sitios da cidade, e só nestes ultimos annos a *Misericordia* o mandou collocar na casa do hospital novo, no cimo do angulo do lado oriental do frontispicio." —

Largando porem as ficções imaginosas e attentando no que provavelmente se póde chamar historia, vemos dos antigos *Chronicon* que D. Ramiro 2.^o habitou Vizeu, que os seus antecessores das Asturias e Leão a tinham com varios successos disputado aos sarracenos, tendo D. Ordonho 2.^o, florescente entre os annos de 913 e 923, estabelecido ali sua côrte temporaria, donde partiu para as expedições de Alem-Tejo e Guadiana, que effectuou com grande vantagem recolhendo copia de captivos e preciosidades. Posteriormente D. Affonso 5.^o, investido do mesmo sceptro, que regeu por vinte e sete annos até 1027, começando quasi com o undecimo seculo, veio morrer diante de Vizeu d'um tiro de setta disparado das muralhas, como attesta o lettreiro de sua sepultura. Almansor, valente mouro, tinha sido o conquistador deste territorio. Veio enfim D. Fernando, o magno, que, sendo elevado ao throno em 1038, libertou o solo portuguez do jugo musulmano desde o Douro até o Mondego, e na rendição de Vizeu vingou a morte de seu sogro, D. Affonso 5.^o Parece que por estes tempos tendo ficado Vizeu desguarnecida se começára a fundar nova povoação com a antiga denominação de *Vacca*, dentro da cava de Viriato, o que todavia não chegou a completar-se, permanecendo o povo no antigo assento. Consultará a este respeito o curioso a chronica da provincia franciscana da Conceição no tom. 5.^o liv. 3.^o

CHAPELLE E BOILEAU.

CHAPELLE, famoso auctor francez, era homem sabio, e muito amigo de folgar, pelo que era a sua companhia mui apreciada em todas as sociedades de Paris. Só um defeito diminuia frequentemente o brilhantismo da sua conversação, e o prazer que com elle sentiam á mesa os seus numerosos amigos; e era uma excessiva paixão pelas bebidas espirituosas. Os amigos do nosso auctor desejavam cura-lo deste pernicioso mal; porem todos receavam offende-lo: até que Boileau, um dos que mais sinceramente o estimavam se encarregou da missão de o corrigir por via de um bom sermão. Com intento tão pio partiu Boileau em demanda do seu neophito, e encontrando-o na rua, ali mesmo começou a reprehende-lo nos termos mais fortes e amigaveis que póde. Chappelle escutava a pratica com summa attenção e paciencia, o que deu grandes esperanças ao cathequista; mas passando acaso proximo de uma taberna disse elle a Boileau — "Entremos nesta casa e sentemo-nos, pois desejo ouvir silenciosamente quanto tendes a dizer-me, visto que o bolicio da rua me impede; na certeza de que me fazem grande peso as vossas rasões." — Vendo Boileau o seu amigo quasi arrependido, consentiu no peditorio, não entrando já em duvida de que o havia convertido. Como ninguém invade os penetraes de uma taberna sem fazer alguma despeza, veio logo uma garrafa de vinho para os dois; e apoz esta outra, e outra, pois que Boileau estava resolvido a fortificar a sua eloquencia, aproveitando-se da boa disposição do penitente. Mas, ó fatalidade! — o traidor do vinho subindo á

cabeça dos dois philosophos levou pelos ares o sermão, cahindo por terra o prégador e o penitente, sem darem de si o menor acordo. O taberneiro, vendo os dois poetas em estado tão miseravel, mandou vir uma sege que os transportasse ás suas casas, e alli, depois de dormirem a somno solto, despertaram no dia seguinte, envergonhados de tal aventura, e temerosos da mofa dos seus amigos.

GRATIDÃO E INGRATIDÃO.

ESTA nobre virtude, e este vicio infame acham-se por tal arte espalhados pelo mundo que mui difficil será encontrar um individuo que não conheça um agradecido e um desagradecido. — A gratidão é uma virtude pela qual o homem reconhece o beneficio recebido, e tem desejos de mostrar-se grato ao seu bemfeitor por quantos meios estejam ao seu alcance. A ingratitude é uma insensibilidade e desprezo do favor recebido; e o ingrato nunca procura agradecer a mercê que se lhe fez porque a não reconhece. A ingratitude assenta o seu throno entre o orgulho e a crueldade; e é uma verdade conhecida que jámais houve ou haverá individuo notavelmente ingrato que não seja ao mesmo tempo intoleravelmente orgulhoso e vão, e que não desdenhe confessar que accitou um beneficio.

O ingrato quasi nunca vê os favores que se lhe fazem, porque o orgulho lhe levanta mui alto a cabeça. A soberba não deixou conhecer a Bruto os beneficios que de Cezar recebêra: a ingratitude o armou com o punhal que cravára no coração do seu soberano e bemfeitor. O orgulho, a crueldade, e a ingratitude são tres grandes vicios, dos quaes o ultimo é o mais detestavel. Com tanto horror era elle n'outro tempo olhado por quasi todos os povos da terra, que entre os egypcios foi a ingratitude reputada um grande crime, impondo a lei a pena de morte aos nelle implicados.

Methodo para limpar papel que tenha nodos de gordura. — Aquece-se primeiro um bocado de papel mata-borrão ao lume d'um fogareiro, e por meio deste papel consegue-se tirar-se a maior parte da gordura, porque a absorve, depois molha-se um pincel pequeno em oleo essencial de therebentina bem rectificado e quasi a ferver, unta-se a nodoa com toda a precaução, d'um e d'outro lado do papel, que deve estar bem quente. Quando se vê que a nodoa tem perfeitamente desapparecido, para dar a sua primitiva brancura ao papel, que a não póde recobrar pela primeira operação, pratica-se o seguinte. Molha-se outro pincel em espirito de vinho bem rectificado, e passa-se da mesma fórma pelo logar da nodoa, principalmente pelas bordas desta, porque é sabido que essas sombras são as mais consistentes. Mediante este trabalho, que só requer alguma paxorra e traz consigo pouco dispendio, restitue-se a qualquer papel importante a sua alvura e antigo aceio, sem prejudicar a tinta de escripta ou de impressão.

Os velhacos algumas vezes tomam o caracter de homens de bem, mas o disfarce é tão incommodo e violento que dura pouco tempo.

A importancia da riqueza e poder provem da capacidade que conferem aos homens de fazerem muito mal ou muito bem.